

O ciúme em São Bernardo

Suely Corvacho (CEFET-SP)

Recorrendo a subsídios psicanalíticos, o artigo procura revisitar algumas passagens do romance de Graciliano Ramos, **São Bernardo**, para apresentar nova leitura às já consagradas, na perspectiva integradora. Nessa direção, o texto explora: a definição de Paulo Honório por Madalena, a emergência do ciúme e a composição do livro de memórias.

Nossa intervenção abordará **São Bernardo**, segundo romance de Graciliano Ramos, procurando apresentar o funcionamento psíquico que subjaz à lógica de acumulação capitalista do protagonista. Para tanto, explorará três situações cuja causalidade escapa à primeira vista.

Todos recordam que o romance se inicia com o protagonista tentando escrever um livro, segundo o método da divisão do trabalho. Falhada a tentativa, Paulo Honório assume, ele mesmo, a tarefa e começa narrar suas memórias. Apresenta rapidamente sua infância e juventude; mais demoradamente a aquisição da fazenda São Bernardo e a realização dos melhoramentos; e longamente a união com Madalena. Nesse momento, o texto se estende, porque descreve, com detalhes, o encontro e o casamento com Madalena, o ciúme e a morte da esposa. A condução da narrativa é realizada com tamanha objetividade que o leitor se pergunta:

- 1ª.) Por que Paulo Honório escolhe Madalena, se não corresponde ao perfil que procura? Afinal o que ganharia com isso?
- 2ª.) Qual o processo pelo qual a divergência com administração dos bens se transforma em ciúme?
- 3ª.) Por que o fazendeiro escreve o livro, ao invés de retomar suas atividades econômicas?

Ainda que a fortuna crítica, especialmente a sociológica nas diferentes vertentes, tenha esclarecido inúmeros aspectos da obra, acreditamos que os elementos subjetivos presentes nas questões aqui arroladas podem ser

iluminados, se alguns conceitos da Psicanálise, de base freudiana, forem adotados.

1. A escolha de Madalena

Inicialmente Paulo Honório tende a escolher Marcela para ser a mãe do herdeiro de São Bernardo. O casamento com a filha do juiz é interessante economicamente, pois viabiliza dois projetos simultaneamente: gera o herdeiro desejado e permite concluir a expansão das terras de São Bernardo, uma vez que a moça é herdeira da única fazenda limítrofe não invadida pelo protagonista. No entanto, contrariando os interesses econômicos, Paulo Honório escolhe Madalena: *“Precisamente o contrário da mulher que andava imaginando – mas agradava-me, com os diabos”* (RAMOS, 1997. p. 67).

A paradoxal situação permite que, à primeira vista, se pense em economia da obra: a necessidade de criar um antagonista. No entanto, examinando o *modus operandi* do fazendeiro, percebemos que há uma regularidade na sua forma de se unir a outras pessoas que pode ser observada muito antes de surgir a idéia de procurar uma esposa.

Em suas andanças pelo sertão, Paulo Honório se liga a Casimiro Lopes. O jagunço, homem violento e obediente, se torna mais do que seu braço direito, é a figura determinante para a conquista dos bens materiais. Graças a ele, Paulo Honório consegue reaver o dinheiro de uma transação quase perdida com dr. Sampaio, e, graças a ele também, consegue expandir os limites da fazenda. Na ótica do protagonista, ambos compõe uma unidade, conforme se pode observar, quando Madalena acusa o marido de assassino:

“Ainda em cima ingrata. Casimiro Lopes levava o filho dela para o alpendre e embalava-o, cantando, aboiando. Que trapalhada! que confusão! Ela não tinha chamado assassino a Casimiro Lopes, mas a mim. Naquele momento, porém, não vi nas minhas idéias nenhuma incoerência. E não me espantaria se me afirmassem que eu e Casimiro Lopes éramos uma pessoa só. (RAMOS, 1997. p. 143)

A unidade aventada por Paulo Honório pode ser compreendida à luz do que Freud (1996) desenvolveu sobre processo de identificação no interior de grupos¹. Segundo o autor, a relação dos membros de um grupo com o seu líder não está assentada somente na ambição de ser o *outro*, mas, sobretudo, na possibilidade de os componentes do grupo projetarem no “líder” os traços aspirados em si mesmos (o *ideal de ego*²). Graciliano Ramos apresenta-nos o reverso da medalha: um “líder” que, no processo de identificação, introjeta os traços de seu “liderado”.

Não é a primeira vez que o escritor alagoano apresenta o mecanismo em as relações de trabalho. Em seu primeiro romance, **Caetés**, o autor explora a identificação de João Valério, protagonista, com o patrão; em **São Bernardo** apresenta o inverso, a forma pela qual o patrão se apropria e introjeta os traços do empregado. Desta forma, o líder, Paulo Honório, potencializa a violência, quando, no plano imaginário, assume a do capataz como extensão da sua. Com isso, consegue expandir seus limites internos e externos.

Convém sublinhar que a identificação vem selada pela visão de mundo compartilhada. No que tange à propriedade privada, o jagunço, por exemplo, rechaça as idéias socialistas de Padilha, alegando que “*as coisas desde o começo do mundo tinham dono*” (RAMOS, 1997. p. 58); Paulo Honório, por sua vez, não titubeia em declarar que poria seu nome na capa do romance, escrito segundo a divisão de trabalho. Logo, empregado e patrão adotam um mesmo ponto de vista - naturalizam a exploração do homem pelo homem.

Na escolha da esposa, parece ter ocorrido mecanismo análogo, mas com uma diferença que torna o processo mais complexo. Enquanto o traço de Casimiro

¹. Ainda que Freud abandone, quase completamente, as formulações sobre o processo identificatório na fase adulta, para se concentrar nos primeiros anos de vida da criança e, com isso, chega à noção de superego, mantivemos o conceito tal como formulado inicialmente, porque é operacional para iluminar o texto.

². Ideal de ego é o conceito criado por Freud para justificar, entre outras, a submissão ao líder. Em suas palavras: “*Em ocasiões anteriores, fomos levados à hipótese de que no ego se desenvolve uma instância assim, capaz de isolar-se do resto daquele ego e entrar em conflito com ele. A essa instância chamamos de ‘ideal do ego’ e, a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência; gradualmente reúne, das influências do meio ambiente, as exigências que este impõe ao ego, das quais este não pode sempre estar à altura; de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego*” (FREUD, 1996. p. 119).

potencializa o do fazendeiro, o de Madalena complementa-o tanto no plano físico, quanto no econômico e no psíquico. Fisicamente, Paulo Honório tem *“nariz enorme, boca enorme, dedos enormes”* (RAMOS, 1997. p. 190); enquanto Madalena, *“cabecinha, mãozinhas”* (RAMOS, 1997. p. 65) ou *“miudinha, fraquinha”* (RAMOS, 1997. p. 67) . No aspecto econômico, os termos do casamento são claros, ele entra com o capital financeiro; ela, com o cultural:

“- O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Job, entende?”

- Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.” (RAMOS, 1997. p. 89)

No plano psíquico, temos a união de elementos complementares: Paulo Honório entra com a proteção econômica; enquanto Madalena, com a desenvoltura intelectual. Assim, no plano imaginário, o proprietário de São Bernardo se apropria do traço desejado, mas anteriormente reprimido em prol da construção de seu patrimônio, conforme afirma: *“Ocupado com esses empreendimentos [a fazenda] não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices de Gondim.”* (RAMOS, 1997. p. 9). Portanto, mais uma vez temos o processo de introjeção dos traços do outro e, se os atributos de Casimiro Lopes permitiram a expansão dos limites da fazenda, os de Madalena propiciaram a ampliação dos limites internos do protagonista.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o movimento de trazer Madalena para o interior da fazenda corresponde a procedimento análogo no plano psíquico, o espaço externo mantém íntima relação com o interno. São Bernardo não é apenas espaço de conquista econômica do protagonista, mas também espaço subjetivo.

Ao projetar seu traço, reprimido ou não, em outra pessoa, o sujeito passa a ter uma atitude ambivalente, porque convive com o atributo e afere as vantagens da convivência, mas, ao mesmo tempo, deve manter o ser em constante

vigilância, pois o comportamento do outro pode lhe trazer alegrias ou dissabores. Com Casimiro, Paulo Honório conhece o prazer da tranquilidade; com Madalena, a dor da frustração.

Paulo Honório acredita totalmente na fidelidade de Casimiro Lopes “*Gosto dele. É corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão*” (RAMOS, 1997. p. 14) e imagina que o capataz concorda plenamente com suas idéias, a ponto de se comunicarem sem palavras: [Paulo Honório] “– *Isto vai mal, Casimiro, dizia eu com os olhos. Casimiro Lopes concordava, erguendo os ombros.*” (RAMOS, 1997. p. 151.). Incapaz de tomar uma atitude sem a autorização do patrão, o jagunço traz prazer e tranquilidade ao fazendeiro.

Ao contrário de Casimiro, Madalena dá mostras de iniciativa desde os primeiros momentos do casamento: examina documentos, conserta uma máquina de escrever emperrada, interessa-se pela saúde dos trabalhadores, etc. Enquanto as ações trazem benefícios para o fazendeiro não há recriminações, mas quando introduzem uma lógica contrária à adotada em São Bernardo, as críticas vão se adensando.

Inicialmente o fazendeiro critica a aplicação do dinheiro: considera que ajudar mestre Caetano, como quer Madalena, é dinheiro perdido; depois discute com a esposa sobre o ordenado de Sr. Ribeiro; por fim, qualifica a compra de material didático, feito pela esposa, de despesa supérflua. Nesse primeiro momento, ainda que discorde da esposa, a raiva se desloca para terceiros, a culpa ora é d. Glória, ora de Marciano.

No segundo momento, a situação se modifica. Madalena passa a ser responsável por todos problemas da fazenda. Quando o volante e o dínamo enguiçam, Paulo Honório vê desperdício³ nos presentes dados pela mulher a Margarida e Rosa; depois, quando a Prefeitura suspende a compra de pedras, o desperdício vira roubo⁴. Na exposição, fica claro que a administração de Madalena

³ . “*Está visto que Madalena não tinha nada com o descaroçador e a serraria, mas naquele momento não refleti nisso: misturei tudo e a minha cólera aumentou. Uma cólera despropositada*” (RAMOS, 1997. p. 120)

⁴ . “*Além de tudo vestido de seda para a Rosa, sapatos e lençóis para Margarida. Sem me consultar. Já viram descaramento assim? Um abuso, um roubo, positivamente um roubo.*” (RAMOS, 1997. p. 122).

representa uma ameaça, pois sua conduta contraria o *princípio de rendimento*⁵, isto é, qualquer ação que não afira lucro é desnecessária e dispendiosa.

Curiosamente, quanto mais o protagonista persegue e responsabiliza Madalena, mais se sente perseguido e isolado. Imagina que os agregados conspiram contra sua pessoa:

"Puxei uma cadeira e sentei-me longe deles [Madalena, Padilha, d. Glória e seu Ribeiro]. Era possível que a palestra não me interessasse, mas suspeitei que estivessem falando mal de mim (...) Entretidos, animados. Conspiração. Talvez não fosse nada. Mas para quem, como eu, andava com a pulga atrás da orelha! Aborrecia. (RAMOS, 1997. p. 121).

O sentimento do protagonista pode ser compreendido se lembrarmos que, ao se identificar com Madalena, parte do ego do fazendeiro está projetado na esposa. Confundido com ela que o frustra e que lhe escapa ao controle, Paulo Honório sente essa frustração e essa impossibilidade de controle como impossibilidade de controle de si próprio. Isso produz uma sensação de vulnerabilidade muito grande, sentindo-se ameaçado e em perigo sem poder precisar o motivo (*andava com a pulga atrás da orelha*). Contudo, a situação não pára por aí, a perseguição e o sentimento de ser perseguido dão um salto tremendo, quando o casal comemora dois anos de união.

2. O ciúme

No início do capítulo XXIV, Paulo Honório repreende Padilha, porque está colhendo rosas, a pedido de Madalena. A seguir, no escritório, o fazendeiro é assaltado por uma idéia que não consegue determinar, mas olha com desconfiança para a mulher. Posteriormente, durante a festa, dá corpo à desconfiança: Padilha e Madalena estão *conluiados*.

Certamente, ao leitor não escapará que o conluio aventado é de natureza ideológica, pois a desconfiança de Paulo Honório é de que Madalena e Padilha se

⁵ . Cunhado por Marcuse, o princípio de rendimento consiste em que: *"a sociedade industrial moderna exige bem mais do que a estrita adaptação ao princípio de realidade. Ela exige uma submissão à rentabilidade econômica que se traduz por um sacrifício injustificado do tempo livre e um investimento desmedido da energia pulsional no trabalho. Ora, o princípio de rendimento representa uma opressão que é acrescentada ao princípio de realidade". (JIMENEZ, 1999. p. 342)*

uniram para pregar o socialismo aos trabalhadores: *"Sim senhor! Conluiada com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho."* (RAMOS, 1997. p. 132). No entanto, por intermédio dos significantes, o desencontro ideológico desliza para a esfera amorosa. A coincidência entre as flores colhidas por Padilha (rosas) e o nome da amante de Paulo Honório – Rosa – permite que a associação seja feita. Em outras palavras, o significante⁶ evoca situação de traição e promove a união entre o adultério realmente cometido pelo protagonista e outro apenas imaginado.

Do ponto de vista psíquico, o procedimento não é raro, porque, segundo Freud, há três camadas ou graus de ciúme: o normal ou competitivo, o projetado e o delirante. Para o autor:

"O ciúme da segunda camada, o ciúme projetado, deriva-se, tanto nos homens quanto nas mulheres, de sua própria infidelidade concreta na vida real ou de impulsos no sentido dela que sucumbiram à repressão." (FREUD, 1976. p.272)

No romance, parece estarmos diante do ciúme projetado, pois, apoiado no significante – Rosa –, Paulo Honório inverte a situação de adúltero à vítima de adultério.

À fantasia, crescem-se outros dois fatores que, na verdade, a precedem: tanto Madalena quanto Paulo Honório trazem em seus nomes cargas significativas que remetem à questão da honra. A primeira é associada popularmente à prostituta ou "pecadora" de quem Cristo exorciza sete demônios⁷; e o segundo

⁶ . Anos mais tarde, Lacan teorizará sobre o significante e o inconsciente, tornando-se um conceito central em seu sistema de idéias. Segundo Roudinesco, *"o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica."* (ROUDINESCO, 1998. p. 708)

⁷ . Segundo a Legenda Áurea: *"Maria, cognominada Madalena por causa do castelo de Magdala, nasceu em família muito digna, descendente de reis. (...) Antes Madalena era muito rica, mas como a abundância é acompanhada pela volúpia, quanto mais percebia o esplendor de suas riquezas e de sua beleza mais submergia o corpo na volúpia, de modo que logo deixou de ser chamada pelo nome, e sim por 'a pecadora'(...) O Senhor concedeu imensos benefícios a Maria Madalena e distinguiu-a com sinais de predileção: expulsou dela sete demônios, inflamou-a totalmente de amor por Ele, tornou-se íntimo dela, passou a ser seu hóspede, fez dela a encarregada de cuidar de suas viagens e sempre a defendeu com doçura, fosse diante do fariseu [Simão] que, comparando-a com a irmã, tachava-a de imunda e preguiçosa, fosse diante de Judas, que a chamava de dissipadora."* (VARAZZE, 2003. p. 544).

significa etimologicamente "pouca honra"; em latim **paulö** (*paullö*), pouco e **honor** (*honös*), **-öris**, honra, dignidade (FARIA, 1988. p. 254 e 393) Tecida a hipótese de adultério a partir dos vários significantes, o fazendeiro busca sua confirmação e dá vazão ao processo de ciúme:

"Confio em mim. Mas exagerei os olhos bonitos do Nogueira, a roupa bem-feita, a voz insinuante. Pensei nos meus oitenta e nove quilos, neste rosto vermelho de sobrancelhas espessas. Cruzei descontente as mãos enormes, cabeludas, endurecidas em muitos anos de lavoura. Misturei tudo ao materialismo e ao comunismo de Madalena - e comecei a sentir ciúmes" (RAMOS, 1997, p. 133)

Convém assinalar que se constrói um duplo rompimento na relação do casal. No plano ideológico, o protagonista imagina que a diferença de visão de mundo pode pôr em risco sua fortuna; no plano psíquico, imagina que Madalena pode pôr em risco sua honra.

Cego pelo ciúme, o fazendeiro intensifica a perseguição à esposa. Durante todo o processo, no entanto, o antigo guia de cego não percebe que o traço desejado - a instrução - é o elemento que desencadeia o tormento. Inicialmente, em suas fantasias, Paulo Honório imagina que Madalena se interessa por Dr. Nogueira, Padilha, Gondim, Dr. Magalhães, enfim, por todos que tiveram acesso à educação formal, justamente o que lhe falta. Posteriormente, atribui à formação na escola normal a desenvoltura de Madalena e a pretensa infidelidade. Cabe sublinhar que o atributo que justificara a união do casal passa agora a ser o motivo alegado para a separação.

Conforme se intensifica a perseguição, seu corolário, o sentimento de ser perseguido aumenta na mesma proporção. Paulo Honório passa a desconfiar de que todos conspiram contra ele: d. Glória, segunda mãe de Madalena; Margarida, segunda mãe de Paulo Honório; Tubarão, o cão de guarda; até seus próprios olhos e ouvidos. Isto ocorre porque enquanto a unidade traz tranquilidade ao sujeito, estados de frustração produzem ansiedade e medo persecutório.

Assim como o sujeito reprimiu anteriormente o traço em si mesmo, a perseguição só se encerrará quando o outro no qual se projetou for eliminado,

quer com uma separação simbólica, quer com uma ocorrida na realidade. A segunda alternativa é a que acontece: exausta, Madalena põe fim à sua vida.

3. O livro de memórias

Com a morte de Madalena, inicia-se o processo de luto, e, apesar dos esforços do protagonista em retomar o antigo ritmo de trabalho, sua energia se esvai rapidamente. A partida de d. Glória, Sr. Ribeiro, Padilha acentua o sentimento de vazio. Com a revolução, o fazendeiro é obrigado a vender parte de seus bens para saldar as dívidas e, como se isto não bastasse, os limites da fazenda começam ser ameaçados. Mais uma vez, percebe-se a analogia entre o espaço externo e o interno. Ao mesmo tempo em que o protagonista vai parando suas atividades, a fazenda vai se deteriorando.

Freud ensina que há diferença entre luto e melancolia, embora ambos estejam relacionados à perda real de um objeto amado. Na melancolia, há perturbação da auto-estima e é possível supor que, *mesmo que o paciente esteja cômico da perda que deu origem à sua melancolia, sabe apenas quem ele perdeu, mas não o que perdeu nesse alguém*". (FREUD, 1996 b. p. 251).

Passados dois anos da morte da esposa, o protagonista parece ter tomado consciência do que perdeu, resolve "invadir" o espaço de Madalena e escrever o seu livro de memórias. No processo, explicita o desejo de incorporar o atributo ligado a Madalena:

"Ora vejam. Se eu possuísse metade da instrução de Madalena, encoivava isto brincando. Reconheço finalmente que aquela papelada tinha préstimo". (RAMOS, 1997. p. 9)

Desta forma, o protagonista parece encontrar novo desafio, construir sua arquitetura interna: de um lado, a dimensão animalesca – representada pelo traço de violência, marca associada a Casimiro Lopes; de outro, a dimensão mais humana, representada por Madalena.

É curioso notar que Paulo Honório ao concluir seu livro de memórias - espaço simbólico, sonha com um lobisomem. Conforme Pierre Fédida, a antiga Psiquiatria associava o estado melancólico ao lendário monstro *"a antiga*

psiquiatria contava-nos o caso de doentes melancólicos que eram levados por seu delírio a acreditar-se culpados por terem comido seus próprios filhos (...) ou ainda de metamorfosearem-se em lobisomens (o que era designado de licanthropia). (FÉDIDA, 1999. p. 69)

Ainda que a antiga Psiquiatria permita associar o estado melancólico de Paulo Honório ao lobisomem, parece-nos que, na economia da obra, o sonho - *“Julgo que delirei e sonhei com atoleiros, rios cheios e uma figura de lobisomem”* (RAMOS, 1997, p. 191) - pode ser lido de outra maneira. Os atoleiros podem evocar a conquista da fazenda⁸; os rios cheios, o dia do casamento com Madalena⁹; e o lobisomem, o desejo de que seus impulsos destrutivos e construtivos dividam o mesmo corpo. Em suma, o sonho parece ser a síntese das realizações do protagonista, condensa os três principais projetos de vida.

Considerações Finais

Na tentativa de pensar os motivos que levam Paulo Honório a contrariar seus interesses econômicos e escolher Madalena; deslizar a contrariedade ideológica com a esposa em ciúme; e, por fim escrever o livro de memórias, ao invés de retomar seu projeto de acumulação, fomos percebendo a presença de um mecanismo psíquico que organiza várias passagens do romance, que escapam à lógica utilitarista do fazendeiro.

Logo, é possível conceber que São Bernardo representa simultaneamente o espaço psíquico de Paulo Honório, o espaço físico da formação de um burguês e o espaço histórico da formação de um país. Mas esse é outro ensaio.

⁸ . Conforme o narrador: *“A última letra se venceu num dia de inverno. Chovia que era um deus-nos-acuda. De manhã cedinho mandei Casemiro Lopes selar o cavalo, vesti o capote e parti. Duas léguas em quatro horas. O caminho era um atoleiro sem fim.* (RAMOS, 1997. p. 19)

⁹ . De acordo com o protagonista: *“Estávamos em fim de janeiro. Os paus-d’arco, floridos, salpicavam a a mata de pontos amarelos; de manhã a serra cachimbava; o riacho, depois das últimas trovoadas, catava grosso, bancando rio, e a cascata em que despenha, antes de entrar no açude, enfeitava-se de espuma”.* (RAMOS, 1997. p. 94)

BIBLIOGRAFIA

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino Português**. 6^a ed. Rio de Janeiro: FAE, Ministério da Educação, 1988.

FÉDIDA, Pierre. **Depressão**. Trad. Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 1999.

FREUD, Sigmund. "Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo" In **Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. "Psicologia de Grupo e a análise do ego" In **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (v. XVIII).

_____. "Luto e melancolia" In **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996 b. (v. XIV).

JIMENEZ, Marc. **Estética: o que é estética?** Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 67^a ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda áurea**: vidas de santos. Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.